

NOSTALGIA

AVACAI

Eugênio Gomez

Faculdade de Medicina

Dos nossos velhos colóquios em surdina eu guardo uma palavra só. Sigo. E tanto tempo faz que foi dita, que já não sou capaz de lembrar, hoje, o choque e o som exato. Mas por muita vida carreguei comigo sua tristeza e a perplexidade.

Agora, já não sou alma que se distraia no vôo vertiginoso dos pensamentos. Segui. E o tempo e os fatos endurecem as pessoas. Mas ainda um contraponto fosco de imagens e sons persiste e resiste. Fios e guindastes, tumulto e tumores, e entre os nossos corpos um espaço virtual sempre havia.

Minha memória é péssima e sou mau narrador: sei de impressões, nada sou seguro de fatos: mas o sentido racional das palavras vale menos que a conotação emotiva das acontecências, e eu só posso dizer dos sentidos orgânicos dos quais tenho a alma varrida: dez anos atrás havia um sol diferente no ar, líricos violinos ferindo o espaço, um gosto ibérico, um doce ritmo verlainiano.

E a gente caminhando, mudos, sob a luminosidade dourada do quase crepúsculo na antiga avenida.

Você era mulher à beça, sabia onde pisava. Fôlego de sete gatos, sedenta da aproximação humana. Muito segura de si — me metia susto, me deixava pouco homem. E tinha a palavra certa, quando eu me reclinava na hipochondria das curvas de auroras ancestrais.

Curvas e avenidas, auroras e crepúsculos. O meu violão naquele tempo soava a bossa e no fio macio das canções seu olhar era sempre ferido no meu, ao longo de tantos serões (mais tarde você diria não se lembrar mais de Insensatez ou de Corcovado, nem das madrugadas azuis que percorremos a nos murmurar esses prelúdios...). Chega de saudade.

Os tempos de cine-clube, quem sabe a melhor época de nossa vida? O jeito e a mania de saber amar o cinema, de trazer nas veias a sua compreensão. Ciclos e revisões, você caminhando mansamente em minha direção, num travelling genial, assumindo o doce-violento olhar estrábico de uma diva do cinema-mudo e os sorrisos da nouvelle vague...

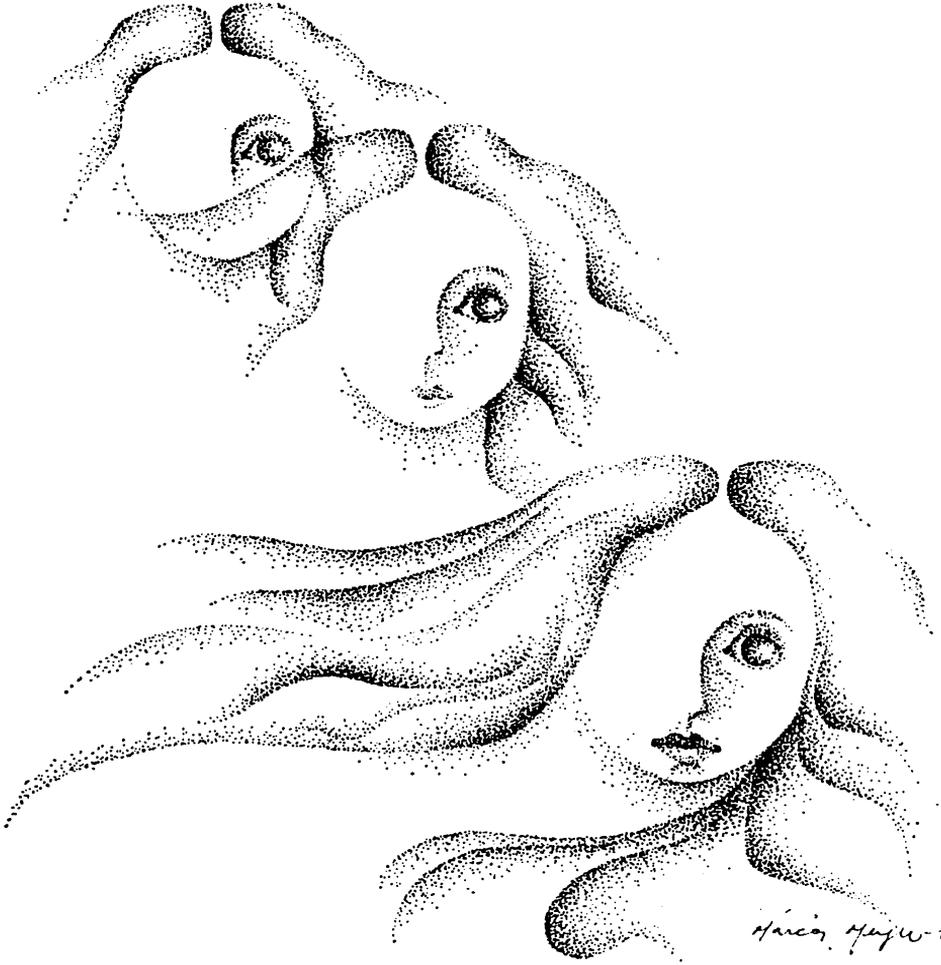
Rolos e câmaras, gruas e spotlights. The gold rush, Sunrise, Um cão da Andaluzia. Ainda hoje, e mais que nunca, mostro aberta e viva a chaga da nostalgia das salas escuras e dos longos papos louramente regados em qualquer bar do Maleta (anos depois você achava ridícula e mentirosa suposição de que houve um tempo em que vivera mortalmente amofinada por nunca ter conseguido ver La strada, e era por isso mais infeliz que a própria Gelsomina...). The best years of your lives.

Minha memória é péssima e sou mau artesão. O epílogo? Sei de impressões: a terra ardendo. O céu em chama. Foi triste: eu, o ombro num poste de esquina; você, sumindo no longe da rua. Não foi preciso qualquer diálogo.

É claro que eu andava meio louco, o coração morrendo a cada instante, na vontade de *te* levar vida adentro a me assistir a cada ato desse patético espetáculo. Mas você se cace-tearia... Como esperar que você, mulher à beça e intelectualóide de tantos preciosismos, pudesse ser capaz de levar a vida a varrer casa e a partir as unhas em alhos e cebolas?

Mas na verdade não houve epílogo, nem haverá enquanto dure em mim esse micróbio que me deixa chamando, implorando, pedindo não sei bem o que

.
. Dez anos depois. Janto triste, vou ao cinema



Harold Lloyd 72

sozinho, e a leitura de Proust de há muito já não é feita a duas vozes. A máquina de escrever, num canto: afinal, sou uma pessoa adulta. Longe

meu onde

se esconde.

Hoje sou poeta que abate outros pássaros.